

**TÃ-tulo:** O mal na sociedade líquida contemporânea

**Veículo:** G1 Pop & Arte - **localidade:** SÃO PAULO - SP - **Publicação:** 04/04/2019

**Editoria:** Notícia - **Página:** On-Line

Zygmunt Bauman morreu em 2017, mas livros novos seus não param de ser lançados no Brasil. É um fenômeno curioso, porque, até completar 75 anos, em 2000, o pensador polonês era praticamente desconhecido por aqui. Naquele ano, "Modernidade líquida" iniciou uma avalanche de lançamentos - já são mais de 40 títulos publicados. O mais recente é "Mal líquido - Vivendo num mundo sem alternativas" (Zahar, 208 pgs. R\$ 59,90) escrito em parceria com o filósofo lituano Leonidas Donskis: ambos já tinham co-escrito "Cegueira moral", também na forma de diálogo.

A fixação no conceito de "liquidez" nas relações sociais contemporâneas torna "Mal líquido", em alguma medida, algo redundante e reiterativo, mas nem por isso menos interessante. Bauman não é um autor sistemático, ao contrário: seu pensamento é fluido (líquido?): vai se espraiando como uma onda por diferentes assuntos - a globalização, a sociedade de consumo, as relações afetivas e familiares, o nacionalismo, a ética, a ecologia - mas nem sempre com muita profundidade, é preciso dizer. Por exemplo, as críticas recorrentes em "Mal líquido" ao neoliberalismo não vão além da denúncia estudantil, superficial e maniqueísta, sequer arranhando as questões relevantes sobre o tema.

Nesse sentido, a promessa de um "mapeamento das formas do mal que assolam o mundo líquido moderno" não chega a ser cumprida. O que os autores fazem é apontar para mecanismos de naturalização do mal na rotina diária da nossa existência, de tal forma que ele, o mal, se tornou mais comum, mais insidioso e menos visível. Segundo o diagnóstico de Bauman, a corrosão dos laços de solidariedade e afeto - que resulta em relações líquidas - não é mais sequer percebida pelas pessoas como algo negativo ou uma ameaça, convencidas que estão de que não existe alternativa para a alienação, o narcisismo o individualismo e a desumanidade em meio aos quais nos acostumamos a viver.

Em um mundo no qual os pilares frágeis, vulneráveis, temporários e efêmeros são a insegurança e o consumo, o mal se tornou, por assim dizer, irresistível. De fato, e particularmente no Brasil, a hegemonia de um certo conjunto de valores e posicionamentos políticos é tamanha que qualquer ato de resistência ou dissidência é praticamente suicida. Falo, é claro, de uma certa intelectualidade, não apenas acadêmica, que ainda detém ou julga deter o monopólio da virtude e da fala.

E assim o mal se disfarça de bem, o ódio se disfarça de tolerância. A realidade se tornou uma mistura de areia movediça e campo minado, na qual qualquer passo em falso pode representar uma sentença de morte social. Sentença emitida não por um Estado totalitário, como no passado, mas pelos nossos semelhantes, pessoas comuns que introjetaram, sem se dar conta, a brutalidade e o cinismo do pensamento único.

Talvez sirva de consolo saber que não se trata de uma situação inédita na História. Vale transcrever aqui, por sua atualidade, um texto de George Orwell publicado em 1942:

"Estamos afundando na sujeira. Quando estou conversando com uma pessoa ou leio os textos de alguém (...), sinto que a honestidade intelectual e a avaliação equilibrada simplesmente desapareceram da face da Terra. O pensamento de todos é jurídico, todos estão defendendo uma "causa?", com a deliberada supressão do ponto de vista de seus oponentes e (...) com total insensibilidade a qualquer sofrimento, exceto os deles próprios e de seus amigos. Todos são desonestos, todos são extremamente frios em relação a pessoas que estejam fora do âmbito imediato de seus próprios interesses. O mais surpreendente de tudo é a forma como a solidariedade pode ser ligada e desligada como uma tomada, de acordo com as conveniências políticas."

Vale lembrar que, nascido na Polônia em 1925, Bauman serviu como militar na Segunda Guerra Mundial, militou no Partido Comunista polonês e lecionou na Universidade de Varsóvia. Filho de judeus, teve livros e artigos censurados pelo governo comunista e foi praticamente expulso de seu país em 1968, em função do crescente antissemitismo no meio acadêmico. Depois de uma temporada em Israel, se radicou no começo dos anos 70 na Inglaterra, onde fez carreira como professor de Sociologia.

Bauman está certo quando afirma que a ausência de referenciais morais nos torna uma sociedade de consumidores, de indivíduos atomizados, únicos e solitários responsáveis pelo sucesso ou fracasso (geralmente o fracasso) de nossas vidas. Mas há outro fenômeno social, este coletivo, pelo qual "Mal líquido" passa batido: o do faccionismo, da negação sectária do direito de existir ao outro, ao diferente, ao dissidente. Os seres humanos trocam, cada vez mais, a sua

liberdade, a sua independência e a sua integridade por segurança - sobretudo a segurança do pertencimento a um grupo.

Esse fenômeno é tanto mais grave porque assume a máscara da superioridade moral e da nobreza de intenções: "nós" temos o direito de exterminar (simbolicamente, por enquanto) você, porque é assim que afirmamos nossa identidade coletiva. Indivíduos que não se encaixam inexistem como seres humanos, são simplesmente removidos da nossa zona de sensibilidade. É assim que o ódio religioso (ou racial, ou de gênero) ganha ares de um discurso de tolerância. O recente episódio envolvendo uma jogadora trans de vôlei ilustra bem esse processo: é proibido - e passível de execração social - qualquer questionamento do fato de um indivíduo com a estrutura óssea e a musculatura de um homem jogar em uma equipe feminina. Vivemos tempos muito estranhos, líquidos ou não.

Link: <https://g1.globo.com/pop-arte/blog/luciano-trigo/post/2019/04/04/o-mal-na-sociedade-liquida-contemporanea.ghtml>